

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

O ARTISTA E O APÓSTOLO: IMPERIALISMO, VISUALIDADE E PRÁTICA MISSIONÁRIA NAS OBRAS DE ALFRED TUCKER (ÁFRICA ORIENTAL, 1890-1910)

Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida

DH/FFLCH/USP

marcinhapacito@usp.br

Esta comunicação pretende tecer algumas considerações sobre os lugares da visualidade na constituição de práticas, discursos e imaginários sobre a África Oriental por meio da análise dos registros textuais e visuais produzidos por Alfred Robert Tucker (1849-1914), missionário britânico cuja trajetória demonstra-se profundamente conectada com o avanço da agenda imperial na porção leste do continente africano na passagem do século XIX para o XX. Entre 1890 e 1897, Tucker ocupou a posição de bispo da chamada África Equatorial Oriental, vasta área que abarcava os territórios de Uganda, Tanzânia e Quênia. De 1897 a 1911, atuou como bispo de Uganda. Proveniente de uma família de pintores paisagistas, antes de se vincular à Church Missionary Society (CMS), Tucker recebeu sólida educação formal e informal no campo das artes, expôs e comercializou obras, graduando-se em Artes pela Universidade de Oxford (MATTIA, 2007, p. 17).

Ao longo de sua atuação religiosa, empregou as suas habilidades artísticas para produzir desenhos e aquarelas na tentativa de registrar aspectos da realidade observada. As imagens produzidas durante os anos nos Grandes Lagos africanos tiveram um amplo raio de circulação em periódicos e livros, atuando, em muitos momentos, como peças visuais consideradas estratégicas para a divulgação das ações da CMS em Uganda no contexto de disputa travada entre missionários católicos, anglicanos e os poderes políticos locais. Acreditamos que o estudo desta trajetória nos permite dimensionar e problematizar como as imbricações entre a formação artística e a prática missionária resultaram em narrativas que trafegaram por diferentes meios e suportes, abastecendo um amplo repertório iconográfico sobre a África e suas populações.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

O presente trabalho é um recorte de minha pesquisa de doutorado em andamento sobre as visualidades produzidas a partir das interações sociais estabelecidas entre missionários britânicos e as populações que habitavam o território de Uganda entre as décadas de 1870 e 1920. Nesta investigação, mobilizamos um conjunto documental diversificado, composto por relatos de viajantes, narrativas missionárias, álbuns e periódicos ilustrados relacionados às ações empreendidas pela CMS na região dos Grandes Lagos. A partir desta problemática mais ampla, almejamos discutir como a produção de uma cultura visual de cunho missionário, elaborada no contexto de implantação do imperialismo britânico na África Oriental, se deu a partir de diferentes agenciamentos sociais, transitou por variados circuitos e foi reapropriada em diferentes campos do conhecimento.

Reconhecida como uma das principais potências imperiais do período, a Grã-Bretanha possuía vasto interesse na exploração de certas áreas africanas sob sua influência (WESSELING, 2008, p. 40). A fim de viabilizar seus projetos expansionistas e assegurar o acesso aos recursos naturais que alimentavam seu acelerado desenvolvimento econômico, financiou diversas expedições que congregavam anseios científicos, militares, comerciais e apoiou inúmeras missões religiosas destinadas a diferentes pontos da África. A partir da segunda metade do XIX, a região dos Grandes Lagos foi palco de uma série de ações voltadas para a exploração do território situando-se, desde o final de 1870, como um dos principais focos das atividades empreendidas na região pela CMS, instituição anglicana fundada em Londres no ano de 1799.

Ainda que grande parte dos estudos historiográficos compreenda as atuações de distintos grupos missionários na região à luz de uma agenda mais ampla do processo de implantação do imperialismo e das políticas coloniais na África, identificamos certas lacunas com relação à problematização das estratégias e recursos relacionados ao estatuto da visualidade e seus impactos na construção das narrativas missionárias. Neste sentido, teóricos como Annie Coombes (1994), James Ryan (1997), Nicholas Mirzoeff (1998 e 2016) e Anne McClintock (2010), têm destacado a centralidade do olhar – bem como o uso de aparatos que viabilizaram o seu exercício e os produtos resultantes desta prática – na arquitetura ideológica do império britânico. O entrecruzamento dos relatos textuais e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

visuais de Alfred Tucker desponta como um canal privilegiado para compreender de que maneiras a visão foi instrumentalizada como ferramenta indispensável para a construção de narrativas sobre a presença britânica na África Oriental na virada do XIX para o XX.

As intersecções entre o projeto evangelizador defendido pela CMS e os desígnios imperiais sustentados pela coroa britânica foram abordadas por diferentes estudiosos nas últimas décadas. Entre 1888 e 1893, Uganda atravessou uma fase particularmente turbulenta, uma vez em que o encontro da política local com o poder imperial definiu determinadas conjunturas que culminaram no acirramento das tensões sociais (LOW, 2009, p. 57). A chamada Batalha de Mengo, ocorrida em 1892, pode ser reconhecida como um dos principais desdobramentos destes conflitos sociais e políticos, impulsionados pelas interações entre agentes externos e internos. É válido mencionar que ao longo da década de 1890, tanto anglicanos vinculados à CMS quanto católicos representantes da ordem dos Padres Brancos alcançaram um número significativo de convertidos na zona interlacustre do continente africano.

Segundo Tudor Griffiths, a partir de 1890, Tucker desempenhou papel fundamental em uma série de articulações políticas que culminariam no estabelecimento do protetorado britânico em Uganda no ano de 1894 (GRIFFITHS, 2001). É preciso salientar que o envolvimento de Tucker em pautas políticas que extrapolavam o âmbito das ações evangelizadoras na África Oriental não deve ser analisado como uma postura isolada entre missionários. Embora houvesse nítidas diretrizes no seio da CMS que reforçassem a necessidade de seus membros não interferirem na dinâmica política local, a historiografia dedicada ao tema tem demonstrado como, em determinadas circunstâncias, muitos missionários vinculados à CMS acabaram por exercer a função de mediadores entre representantes do poder colonial britânico e as lideranças políticas africanas, atuando como engrenagens fundamentais nestas negociações. Dentro deste complexo panorama, interessa-nos compreender como o material, em especial o visual, elaborado por Tucker pode ser pensado não apenas como fonte documental que nos possibilita entender como algumas concepções nutridas pelo religioso anglicano foram traduzidas no plano visual, como também analisar, a partir dos trânsitos e usos das

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

imagens, como sua produção artística impactou na consolidação de determinadas projeções britânicas sobre o território de Uganda.

Publicada em 1908 em dois volumes, a obra *Eighteen years in Uganda and East Africa* (TUCKER, 1908) apresenta ao leitor um balanço das quase duas décadas em que Alfred Tucker transitou pelos territórios da costa leste africana e do interior dos Grandes Lagos. Sua leitura fornece elementos preciosos para compreendermos como o bispo mobilizou seu repertório artístico e seus trabalhos visuais na composição de uma obra de sua própria autoria. É interessante reparar como, em diversos trechos, o missionário empregou um vocabulário permeado por referências relacionadas ao universo pictórico para descrever as paisagens observadas, inserindo-se em uma tendência mais ampla de estetização da paisagem, recurso retórico identificado em muitas narrativas de expedicionários vitorianos (PRATT, 1998, p. 265). Ao discorrer acerca das impressões iniciais sobre a costa oriental da África, Alfred Tucker lançou mão de metáforas visuais a fim de transmitir aos leitores suas primeiras percepções sobre Mombaça (atual Quênia):

De todas as cidades da costa leste da África, Mombaça é, ao mesmo tempo, a mais pitoresca e a mais interessante (...).

A cena que encontramos à primeira vista é nova e surpreendente. É feita de contrastes - brilhantes, cintilantes, luz do sol, profundas e escuras sombras; vestidos brancos como a neve e tez morena. A multidão de figuras em movimentos rápidos e lentos, dá quase a impressão de uma visão caleidoscópica, mudando continuamente em seus matizes e formas. O antigo forte português é uma das características mais pitorescas e marcantes da vila. As suas paredes maciças, que datam quase da época de Vasco da Gama, falam de forma eloquente dos recursos e do poder de Portugal no século XVI.

Eles parecem olhar com desprezo para os barracos de ferro galvanizado, dignificados pelo nome de bangalôs, que ficam sob sua sombra.¹ (TUCKER, 1908, vol. I, pp. 36-37).

¹ Trecho traduzido do inglês para o português e adaptado pela autora a partir do texto original.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

O excerto é elucidativo de como o religioso desenvolveu uma narrativa textual pautada em termos que aludem à arena da visualidade, constituída pelo entrelaçamento de práticas, técnicas e artefatos. A cena descrita confere destaque aos múltiplos estímulos visuais, proporcionados pelos “contrastos” entre as cores, derivados dos efeitos da luminosidade solar. A adjetivação das cores também procura imprimir uma densidade semântica à descrição, buscando aproximar o leitor da paisagem africana por meio do acréscimo de elementos que remetem a aspectos da natureza e do clima (“vestidos brancos como a neve”), familiares para quem narra a paisagem, “borrifando-a com alguns pedacinhos da Inglaterra”, como sinaliza Pratt (1998, p. 266). A menção ao conjunto de “figuras em movimentos rápidos e lentos”, que provocam a sensação de uma “visão caleidoscópica” a partir da alternância dos “matizes e formas”, remete às experiências visuais pautadas pela sucessão de imagens, potencializadas pelo advento de uma ampla gama de aparelhos ópticos, como, por exemplo, o caleidoscópio e a máquina fotográfica.

Para Jonathan Crary (2012), o estatuto da visão, compreendido como uma construção histórica, ocupou o cerne de estudos que abarcavam interesses científicos, fisiológicos e debates filosóficos no período. Adotando este viés, é interessante notar como a forma empregada por Tucker para descrever a cena, demonstra-se claramente perpassada pela noção de simultaneidade e pela incorporação de novas tecnologias proporcionadas pelo uso de equipamentos popularizados ao longo do XIX, os quais promoveram profundas reconfigurações nas relações tecidas entre o sujeito observador e as maneiras de fruir e representar a realidade.

Ainda sobre esta passagem, chama-nos a atenção a recorrência do termo pitoresco para se referir à edificação fortificada que remonta ao período da presença portuguesa na região. Longe de se apresentar como um adjetivo aleatório, a expressão revela-se profundamente atrelada ao vocabulário relacionado às convenções pictóricas. Sobre esta questão, vale a pena sublinhar que representação de cenários e paisagens consideradas pitorescas tornou-se uma das principais categorias no âmbito da produção em aquarela no período analisado. Situado entre a noção de belo e de sublime, o pitoresco estava atrelado a composições artísticas que buscavam se contrapor ao ideal clássico de beleza, enfatizando, por sua vez, aspectos relacionados às noções de diversidade e irregularidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

Fortemente associada à experiência do deslocamento, a procura por aspectos considerados singulares aos olhos dos viajantes frente a novas realidades que se descortinavam deu vazão a uma série de publicações que continham a expressão “viagens pitorescas” em seus títulos (DIENER, 2008; COSTA, 2015). A atenção dispensada ao exercício de contemplação de elementos da natureza, da sociedade e da paisagem urbana, com enfoque para os traços interpretados como exóticos ao observador, situava-se como uma orientação fundamental para a conformação destas narrativas.

Ainda que a discussão sobre o pitoresco date de meados do século XVIII (ROSS, 1987), é relevante atentarmos para as ressonâncias deste conceito no quadro das movimentações britânicas em espaços extra europeus durante o último quartel do XIX. De acordo com Jeffrey Auerbach (2004), há uma vinculação ideológica muito íntima entre a noção de pitoresco e o imperialismo. O historiador norte-americano argumenta que mais do que produzir um efeito de diferença aos olhos do observador, o pitoresco atuou como elemento unificante e, ao mesmo tempo, homogeneizador que permitiu condensar, em dimensões visuais, porções muito distintas do império britânico. Seguindo esta linha também discutida por David Cannadine (2001), a tentativa de forjar noções de semelhanças e familiaridade com o intuito de reordenar os territórios estrangeiros, ancorava-se, portanto, muito mais na ideia de “construção de afinidades” do que de alteridades.

Como sustenta Auerbach, a construção de uma cultura visual alinhada aos princípios da estética pitoresca neste cenário deve ser compreendida à luz dos trânsitos de artistas dentro e fora da Grã-Bretanha que, longe de transplantarem um modelo pictórico para o além-mar, foram desenvolvendo um repertório iconográfico que articulava convenções artísticas adquiridas previamente com a incorporação de novos elementos captados em campo. Assim, distanciando-se de uma concepção dualista das relações imperiais, na interpretação proposta pelo historiador, o pitoresco pretendia não apenas homogeneizar as regiões do império britânico, mas borrar suas barreiras, diluindo, na esfera do visual, as fronteiras entre os britânicos e seu império, dentro e fora, metrópole e periferia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Ao lado dos aspectos da natureza e de cenas cotidianas, o apreço por monumentos, de preferência em estado de ruína, configurava-se como um tópico recorrente dentro do repertório temático do pitoresco. A afirmação tecida por Tucker de que “antigo forte português é uma das características mais pitorescas da vila” ia ao encontro desta perspectiva. Materializando o contraste entre passado e presente, é digno de nota a menção à estrutura da edificação, composta por “paredes maciças, que datam quase da época de Vasco da Gama” que se contrapõem aos “barracos de ferro galvanizado” que ocupam o entorno. Sabemos que o emprego do ferro na estrutura destas habitações estava em sintonia com a propagação deste tipo de material, o qual adquiriu forte protagonismo durante o século XIX na construção de distintas obras arquitetônicas. Convém frisar que na percepção do bispo, a fortificação quinhentista é apresentada como testemunho físico que expressa o “poder” de Portugal em séculos anteriores.

Observada à luz da conjuntura política e econômica internacional, ao mesmo tempo em que o bispo exalta a fortaleza como vestígio material que evocava os feitos lusos na costa oriental africana no século XV, tal declaração também parece fixar Portugal em um passado distante. Partindo deste pressuposto, a fala de Tucker parece reservar à nação portuguesa uma condição pretérita se comparada às potências europeias que passaram a disputar sua hegemonia em diferentes pontos do continente africano, especialmente após a Conferência Geográfica de Bruxelas (1876) e as resoluções estabelecidas com a Conferência de Berlim (1884-1885) (BRUNSCHWING, 2006, pp. 78-101; WESSELING, 2008, pp. 98-101).

O contato com os dois volumes de *Eighteen years in Uganda and East Africa* nos permite identificar como o bispo canalizou suas habilidades artísticas para representar visualmente a edificação militar em Mombaça. Os traços de Tucker procuram realçar a diversidade de texturas presentes nos contornos das rochas, nas fendas das paredes da fortificação e nas ondas marítimas em movimento, seguindo as convenções da estética do pitoresco, a qual, como mencionamos, privilegiava efeitos de contraste, pautado no destaque para a aspereza e irregularidade das superfícies.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

8



Fig. 1 – “A bit of the old fort, Mombasa” (TUCKER, 1908, vol. 1, p. 16).

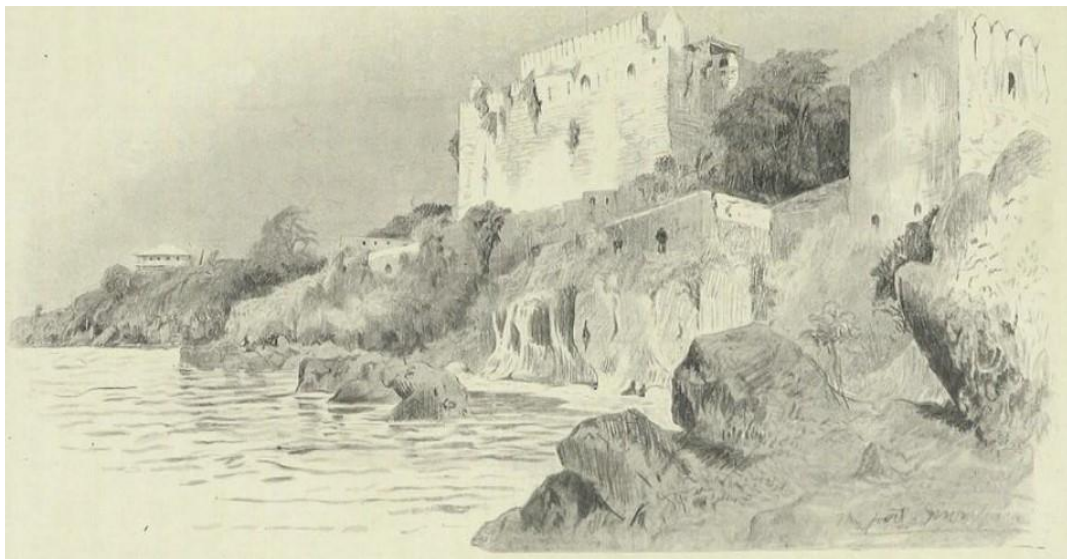


Fig. 2 – “The fort, Mombasa” (TUCKER, 1908, vol. 1, p. 36).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

Outra problemática explorada pela pesquisa diz respeito às tensões entre texto e imagem. Isso porque, se no plano textual o dinamismo de cidades como Mombaça e Zanzibar é mencionado com frequência, ao reordenar visualmente a realidade esta efervescência social é eclipsada, dando lugar para representações de espaços urbanos praticamente ausentes de figuras humanas. Os trabalhos visuais de Tucker apresentam, portanto, cenas de uma África com paisagens naturais estetizadas, ausente de telégrafos, dos barcos a vapor e da estrada de ferro, estruturas identificadas pelo bispo em seus relatos textuais como expressões do progresso e símbolos de uma “nova era” (TUCKER, 1908, vol. 2, p. 286), mas não abordados nos registros visuais analisados.

Por fim, o estudo sobre o painel político e social desenhado em Uganda entre as décadas de 1890 e 1910 põe em relevo um conjunto ativo de atores e instituições, a partir de seus múltiplos níveis de interação. Frente às complexidades deste cenário, o percurso trilhado por Alfred Tucker ao longo de sua passagem pela África Oriental contribui para dimensionar não só o peso da visualidade na constituição de discursos sobre a presença britânica em Uganda, como também, de uma maneira mais ampla, reconhecer a formação de um sujeito observador moldado pelos novos “modos de olhar” tão bem descritos pelo bispo anglicano.

Na trilha do repertório visual construído por Alfred Tucker, o contato com as imagens selecionadas para compor os dois volumes de *Eighteen years in Uganda and East Africa* evidencia a predileção do autor pelo registro das paisagens naturais e exemplares arquitetônicos, em detrimento da representação de cenas urbanas e de figuras humanas. Partindo destas percepções, podemos inferir que a narrativa visual construída por Alfred Tucker carrega tanto as especificidades das marcas de sua formação como pintor paisagista alinhado ao pensamento estético vitoriano como também, a partir da permanência de determinadas temáticas enfocadas em sua produção, apresenta notáveis pontos de continuidade com os primeiros registros visuais legados pelos expedicionários britânicos que acessaram a porção leste do continente africano na década de 1860.

Aos olhos de Tucker, a África Oriental foi retratada predominantemente como uma região composta por paisagens aprazíveis que, longe de serem abordadas como um ambiente permeado por tensões e os conflitos decorrentes da implantação do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

imperialismo, revelavam-se como território convidativo, com vastos espaços ainda passíveis de serem ocupados. Gerando um efeito de aproximação entre os leitores, as imagens operaram como uma poderosa via de acesso a territórios distantes e a populações desconhecidas, recurso indispensável para a constituição do sujeito imperial que, entre outros fatores, nutria-se de uma cultura visual constantemente abastecida por um vasto arquivo imagético experienciado pelo advento de múltiplas técnicas e artefatos ópticos.

Referências Bibliográficas

1. Fontes

TUCKER, Alfred R. *Eighteen years in Uganda and East Africa* (2 vols). Londres: Edward Arnold, 1908.

2. Bibliografia

AUERBACH, Jeffrey. “The picturesque and the homogenisation of empire”. *The British Art Journal*, vol. 1, nº 5, pp. 47-54, 2004.

BRUNSCHWING, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CANNADINE, David. *Ornamentalism: how the British saw their empire*. Londres: Penguin, 2001.

COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: museums, material culture, and popular imagination in late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DIENER, Pablo. “A viagem pitoresca como categoria estética e a prática de viajantes”. *Revista Porto Arte*, Porto Alegre, vol. 15, nº 25, pp. 59-73, 2008.

GRIFFITHS, Tudor. “Bishop Alfred Tucker and the Establishment of a British Protectorate in Uganda, 1890-94”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 31, nº 1, pp. 92-114, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

- LOW, Donald Anthony. *Fabrication of empire: the British and the Uganda kingdoms, 1890-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MATTIA, Joan Plubell. *Walking the rift: Alfred Robert Tucker in East Africa. Idealism and Imperialism (1890-1911)*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade de Birmingham, 2007.
- McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- MIRZOEFF, Nicholas (org.). *The visual culture reader*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.
- _____. “O direito a olhar”. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, vol. 18, n° 4, pp. 745-768, 2016.
- PRATT, Mary-Louise. “From the Victoria Nyanza to the Sheraton San Salvador”. In: MIRZOEFF, Nicholas (ed.). *The Visual Culture Reader*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.
- ROSS, Stephanie. “The picturesque: an eighteenth-century debate”. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, vol. 46, n° 2, pp. 271-279, 1987.
- RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.
- WESSELING, Henk L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880-1914)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora Revan, 2008.